

**A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM *É ASSIM QUE ACABA*, DE COLLEEN HOOVER:
ELOS ENTRE O FACTUAL E A FICÇÃO**

**DOMESTIC VIOLENCE IN *IT ENDS WITH US*, BY COLLEEN HOOVER: LINKS
BETWEEN FACTUAL AND FICTION**

Dayza de Lima Santos

Graduada, Universidade de Pernambuco, Brasil

E-mail: dayza.lima@upe.br

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

Doutora, Universidade de Pernambuco, Brasil

E-mail: clara.mavasconcelos@upe.br

Recebido: 14/07/2025 – Aceito: 25/07/2025

Resumo

A literatura apresenta um caráter plurifuncional, conforme outrora salientou D'Onofrio, pois não se limita a uma função evasiva da realidade ou uma experiência catártica superficial. Ao contrário, quando o profissional das Letras toma para si a função de colocar em prática a possibilidade humanizadora da literatura, ele pode conduzir os sujeitos sociais a um engajamento diante de temas sensíveis e precípuos para a vida em sociedade. Sendo assim, este artigo visa refletir sobre a expressão da violência doméstica por meio do romance *É assim que acaba* (2016), escrito por Colleen Hoover, tomando como base o pensamento de Candido sobre o caráter humanizador do texto literário para que se possa alcançar a justiça social e relações equânimes entre gêneros. Para tanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, foram utilizadas as contribuições de Almeida (2014), Perrone-Moisés (1990), Ordóñez (2022), Saffioti (2001), Saffioti, Miguel e Biroli (2014), Njaine (2014), Maia e Cascaes (2017) e Catalano et al. (2009) entre outras pesquisas utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho. Como resultados, pode-se destacar que literatura é uma ferramenta imprescindível para a formação dos indivíduos, uma vez que ela viabiliza a exequibilidade de uma sociedade menos desigual por meio de reflexões sobre o âmbito social ao passo que exorta os sujeitos a refletir criticamente sobre os fatos e eventos que os rodeiam.

Palavras-chave: Violência doméstica; Literatura; Cidadania.

Abstract

Literature has a multifunctional character, as D'Onofrio once emphasized, because it is not limited to an evasive function of reality or a superficial cathartic experience. On the contrary, when literature professionals take it upon themselves to put into practice the humanizing potential of literature, they can lead social subjects to engage with sensitive and fundamental issues for life in society. Therefore, this article aims to reflect on the expression of domestic violence through the novel *It Ends with Us* (2016), written by Collen Hoover, drawing on Candido's thinking about the humanizing nature of literary texts to achieve social justice and equitable relations between genders. To this end, through bibliographic and qualitative research, we used the contributions of Almeida (2014), Perrone-Moisés (1990), Ordóñez (2022), Saffioti (2001), Saffioti, Miguel and Biroli (2014), Njaine (2014), Maia and Cascaes (2017) and Catalano et al. (2009), among other research used for the development of this work. As results, it can be highlighted that literature is an essential tool for the formation of individuals, since it enables the feasibility of a less unequal society through reflections on the social sphere while urging individuals to reflect critically on the facts and events that surround them.

Keywords: Domestic violence; Literature; Citizenship.

1. Introdução

Como não se pode separar a literatura da sociedade, haja vista que ela é um elemento da cultura objetiva, assim como outras formas de expressão cultural, os fatos sociais tornam-se um fermento para a produção literária. Sendo assim, denunciar injustiças, rever valores e crenças, desmistificar estereótipos etc., além de serem essenciais para a construção de uma sociedade mais crítica, também fazem parte do agir humano enquanto sujeito que busca a mudança social.

Dessa forma, o âmbito educacional não pode e não deve estar alheio ao que ocorre no âmbito público ou privado quando se trata de infringir os direitos humanos. A sala de aula deve se tornar um espaço para debate e desconstrução de preceitos e preconceitos que estão culturalmente enraizados. Logo, a literatura é um instrumento indispensável na busca pela justiça social.

Sendo assim, o presente Trabalho de Conclusão de Curso constitui-se como uma pesquisa analítica de cunho qualitativo e de natureza bibliográfica (Gil,2010) que visa analisar a obra *É Assim Que Acaba* (2016), de Colleen Hoover, a partir da denúncia à violência doméstica.

Desse modo, a pesquisa partiu das seguintes razões que levaram à problemática: refletir sobre como a obra *“É Assim Que Acaba”* (2016), de Colleen Hoover, se apresenta como um importante objeto de análise ao retratar casos de violência doméstica, assim como os seus ciclos e também uma forma de encorajar mulheres a denunciar tais violações cometidas contra elas; analisar como a obra contribui para demonstrar que narrativas literárias podem ser usadas como instrumentos de denúncia e recursos educativos.

A presente pesquisa floresce a partir do interesse e inquietação da autora em relação aos inúmeros casos de violência doméstica que as mulheres sofrem diuturnamente e que muitas vezes não conseguem identificar que estão passando por relacionamentos tóxicos, ou que não conseguem se livrar deles. Sendo assim, a obra corpus desta pesquisa traz, em sua trama, a história de mulheres que sofrem violência doméstica e como ela se torna um ciclo vicioso e sem fim devido a inúmeros fatores, sejam eles sociais, financeiros, psicológicos, afetivos, físicos etc.

Para tanto, foram utilizadas as contribuições de Almeida (2014), Perrone-Moisés (1990), Ordóñez (2022), Saffioti (2001), Saffioti, Miguel e Biroli (2014), Njaine (2014), Maia e Cascaes (2017) e Catalano et al. (2009) entre outros nomes que foram utilizados para a construção deste artigo científico.

Neste sentido, esta pesquisa está organizada em quatro unidades retóricas, incluindo a introdução e as considerações finais, as quais serão destinadas à reflexão sobre a violência doméstica e à análise da obra de acordo com as discussões teóricas desenvolvidas.

2. Revisão da Literatura

A literatura desempenha um importante papel na sociedade e na natureza humana, pois é uma expressão artística e cultural que pode instigar vários sentimentos no leitor. Ela pode abordar diferentes temas, expor emoções, valores, ideologias,

pensamentos, sensações, crenças, entre outros. Entretanto, segundo Leyla Perrone-Moisés (1990, p. 103) “A literatura nasce de uma dupla falta: uma falta sentida no mundo, que se pretende suprir pela linguagem, ela própria sentida em seguida com falta.” Nesse sentido, a “falta” e o desejo de algo a mais da humanidade se refletem na literatura, através da linguagem.

Assim sendo, a literatura retrata essa “ausência” com narrativas complexas e de diferentes áreas, preenchendo as lacunas da vida real. Apesar das obras literárias representarem-na com a linguagem, ainda não é o suficiente para captar toda a subjetividade humana. Desse modo, a literatura surge da necessidade e desejo de expressar, significar ou abordar algo, o que mostra que a realidade não é autossuficiente para tratar das demandas da humanidade.

Logo, à luz das reflexões de Perrone-Moisés (1990), a produção literária possibilita completar uma insuficiência, porém ela abre margem para as restrições e barreiras que a linguagem pode simbolizar, criando-se a partir de duas “faltas”: a do mundo, que é suprida pela literatura; e a falha da linguagem, uma vez que ela não é o suficiente para expor em palavras essa insatisfação, sentimentos e ideias da humanidade de forma completa.

Dessa maneira, o público leitor apresenta-se em um circuito de “lacunas”, pois procura a literatura como forma de suprir os “vazios” do real. No entanto, o discurso, muitas vezes, não consegue expor de maneira clara e integralmente o que eles procuram. Apesar disso, a literatura continua sendo um instrumento indispensável para a construção do indivíduo, atuando no desenvolvimento social do leitor.

Nessa perspectiva, as criações literárias podem expressar várias possibilidades de assuntos. Por meio das narrativas, o leitor pode conhecer diferentes perspectivas da realidade, visto que ela oportuniza experimentar conflitos, situações e visitar lugares que, muitas vezes, estão além da vivência e da condição do sujeito. Os textos literários fogem do comum, da vida cotidiana da sociedade e não apenas por algumas obras explorarem contextos fantástico ou ilusórios, mas sim pela sua habilidade de inovar e pela profundidade com a qual trata o real (Eagleton, 2006).

A pluralidade dos textos é diversa, uma vez que eles possuem características

diversas, como estilos, estruturas, gêneros textuais, linguagens, temas, tempos, espaços, intenções comunicativas, entre outros. Por esse motivo, os leitores os procuram com o objetivo de conhecer múltiplos ângulos do que eles não vivenciaram. Conforme comenta Barbosa, Magalhães e Ordóñez (2022, p. 02):

Quando o indivíduo está diante de um texto literário, ali há a possibilidade de conhecer coisas, de estar em lugares, de pensar como pessoas que você talvez jamais conhecesse, e lugares que você jamais tivesse a possibilidade de ir fisicamente. A Literatura é a possibilidade de imaginar.

A literatura oportuniza ao seu consumidor que experimente a pluralidade do mundo apenas com a mente, sem sair do seu lugar. Sendo assim, os leitores leem por inúmeras razões: para o entretenimento e a diversão, para aprimorar o conhecimento sobre a literatura de uma área específica do conhecimento, para ficar bem informado, por alinhamento com determinada formação ideológica e/ou discursiva, ou para embarcar no universo do imaginário em busca de uma experiência catártica. No geral, a literatura instiga e faz com que os usuários a utilizem pelas suas propriedades e traços, seja pela fruição, seja pelo estudo.

Nesse panorama, as produções literárias podem se expressar e tratar de numerosos aspectos do mundo, inclusive sobre questões e problemáticas do âmbito social. Ela pode criticar ou concordar com os dilemas sociais, alertar, informar, precaver, evitar ou advertir sobre eles. Por essa razão, a literatura é tão importante e significativa para a construção subjetiva do sujeito social. Com ela, pode-se discutir assuntos sociais, com a finalidade de mudar o pensamento e as ideias ou fazer com que o sujeito tenha mais certezas das suas convicções. Por causa disso, a literatura é capaz de construir as ideologias ou alterá-las, sendo uma produção cultural que pode transformar os indivíduos.

Posto isso, o leitor pode interagir com diversos gêneros literários, os quais se transformam em conhecimento e cada um interpreta de forma individual. A vista disso, Azevedo comenta (2004, p 01):

De um certo ponto de vista, é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas” – científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras –

existentes por aí.

Sendo assim, um leitor pode consumir diferentes tipos de texto ao passo que desenvolve a sua interpretação, a reflexão, a criatividade e o pensamento crítico. Cada conhecimento adquirido a partir da prática da leitura literária pode ser empregado na vida cotidiana do sujeito a fim de contribuir em suas interações sociais, sejam nos contextos pessoais ou profissionais. Por esse motivo, a leitura é imprescindível para a construção social do indivíduo, não apenas por ser uma ação de decodificar palavras, mas um ato que engloba a percepção de utilizar o conhecimento e o aprendizado para a prática e a vivência do real.

Por consequência, a literatura está atrelada, ao mesmo tempo, à formação do cidadão, sendo um ato de experiência que não pode ser igual às outras, pois a cada momento diferente que se realiza a leitura, os indivíduos não terão as mesmas percepções e compreensão de antes. Por isso, as produções literárias são obras das quais podem ser tiradas lições para serem usadas na vida dos seres humanos, bem como espaço de denúncias a comportamentos inaceitáveis em sociedade, pois o processo de análise remete à operação de aplicação dos conceitos e sentidos colhidos naquela obra literária.

Nesse contexto, o texto literário possui uma singularidade, pois cada autor escreve suas produções de forma particular a partir de suas experiências, em que fornece uma construção que apresenta multiplicidades de sensações a cada leitor, a qual não é uma leitura de experiência coletiva, contudo individual e subjetiva. Com isso, conforme expõem novamente os autores Barbosa, Magalhães e Ordóñez (2022):

A Literatura de um jeito singular traz as palavras de uma forma que nunca foram vistas juntas antes. O escritor é o sujeito que pega as palavras ao seu dispor e com elas, promove um efeito estético no leitor. Traz emoções ao leitor, o faz pensar sua própria vida de uma forma que até então não havia sido capaz, um novo olhar para o mundo é proporcionado, aí mora a necessidade de cada um pela Literatura. (Barbosa; Magalhães; Ordóñez, 2022, p. 09):

Sob essa visão, é possível compreender que a estrutura do texto e a maneira como o escritor utiliza as palavras proporcionam uma “condução” na forma como o sujeito realizará a leitura e a analisará. Sendo assim, entendemos que a literatura

transforma o leitor, seja no seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, seja em relação ao emocional ou à visão de mundo. O consumidor de obras literárias pode vivenciar uma narrativa com sentimentos que ele nunca tenha experimentado.

Dessa maneira, ele é capaz de, em uma atitude dialógica e intropatia, colocar-se no lugar do outro, desenvolvendo a sua quota de humanidade, conforme outrora afirmou Antonio Candido (2011). Assim, o leitor passa por um processo de humanização por meio da leitura literária, haja vista que ela é capaz de representar valores, uma vez que se trata de um elemento da cultura, a qual forma o cidadão a partir da construção de conhecimentos sociais e políticos.

3. Resultados e Discussão

A violência contra a mulher é uma antiga problemática que se perpetua na contemporaneidade, mesmo diante de diversos avanços e conquistas, seja no âmbito político ou social. A violência contra a mulher é herdeira do machismo, do androcentrismo e do patriarcado.

As práticas misóginas são diversas e estão enraizadas culturalmente, de modo que muitas vezes as vítimas não conseguem identificá-la por serem naturalizadas. Dentre as formas de violência, podemos destacar a inferiorização do sexo feminino por meio de várias formas de maus tratos com o objetivo de elevar o ego do sexo masculino para que ele se sinta superior e destemido diante do gênero oposto.

Com o passar dos séculos, o âmbito social desenvolveu legislações e campanhas para evitar acontecimentos que violem os direitos das mulheres. No entanto, a realidade ainda é de constante perigo no corpo social, visto que elas podem sofrer ataques e assédios nas ruas, locais de trabalho, residência, lugares privados (restaurantes, cinemas, shopping, entre outros) e locais públicos (universidades, escolas, hospitais).

A cultura do machismo desenvolveu ciclos da violência de gênero e esse pensamento estimulou a crença de que as mulheres são seres biologicamente inferiores. Por esse motivo, desencadeou a coerção contra o gênero feminino como forma de demonstrar a suposta superioridade do homem sobre elas. Nesse

sentido, as agressões às mulheres tentam impor a autoridade e a supremacia masculina sobre a feminina, o que revela a construção histórica, social e ideológica de uma sociedade desigual com uma cultura patriarcal.

Tal construção cultural pode desencadear relacionamentos abusivos e violentos com o medo sendo a principal característica dessa relação. A afetividade entre o casal transforma-se em um meio de abertura para que todos os atos impróprios (como agressões físicas ou verbais, abusos psicológicos e físicos, humilhações, entre outros) se tornem perdoáveis, pois se acredita nas mudanças do sujeito e sua renovação ética e moral. No entanto, isso não se concretiza realmente na maioria das vezes.

Dessa maneira, na obra *É Assim que Acaba (It Ends with Us)*, de Colleen Hoover, é retratada a violência contra a mulher de diferentes maneiras. Assim, a autora apresenta ao leitor uma narrativa em primeira pessoa sobre Lily Bloom, a personagem principal, dona de uma floricultura, que vivenciou em sua vida vários momentos de opressão de gênero com a sua família. Desde criança, ela testemunhou a relação agressiva dos pais e, quando adulta, passou por situação semelhante com seu companheiro Ryle Kincaid, um neurocirurgião com uma carreira de sucesso pela frente, mas que demonstra ser uma pessoa com problemas de autocontrole e que exterioriza brutalidade quando sente raiva, revelando-se um agressor contra Lily; criando-se, assim, um relacionamento abusivo e manipulador.

Na obra de Colleen Hoover, Lily Bloom conta através de cartas escritas para Ellen DeGeneres sobre sua infância e adolescência. O romance alterna entre o passado da protagonista e o seu presente como adulta. A sua mãe, Jenny Bloom, era vítima de violência doméstica. O pai de Lily, Andrew Bloom, era violento e batia na esposa com frequência. A personagem principal vivenciou as consequências de uma relação abusiva desde criança, se tornou uma adulta com traumas e teve seu comportamento moldado para evitar uma relação amorosa semelhante.

Dessa maneira, Lily Bloom possuía mágoa e raiva da mãe quando adolescente por ela continuar com seu pai, mesmo ele a maltratando. Ela não compreendia os motivos da mãe permanecer em um relacionamento tóxico e problemático. Assim, Ela comenta:

Juro que às vezes fico com muita raiva dela por ainda estar com ele. Sei que só tenho 15 anos e que não entendo todas as razões que a levam a ficar com ele, mas eu me recuso a deixar ela me usar como desculpa. Não me importa se é pobre demais para sair de casa, nem se a gente teria de se mudar para um apartamento péssimo e comer miojo até eu me formar. Seria melhor que a situação atual (HOOVER, 2018, p. 40).

Jenny Bloom era uma professora de Plethora, Maine, e possuía um trabalho fora da sua residência. O seu esposo era o prefeito da cidade e tinha uma empresa de êxito de agência imobiliária, por esse motivo eles possuíam uma vida econômica estabilizada e de classe média. Caso a mãe de Lily se separasse do marido, as condições financeiras iriam diminuir e ela talvez reduzisse a posição financeira da filha, visto que a renda mensal baixaria consideravelmente. No entanto, a posição de Lily é clara e objetiva: qualquer circunstância era melhor comparada a visualizar as agressões físicas e psicológicas contra a mãe. Sendo assim, ela não deveria ser uma desculpa para que continuassem demonstrando para todos que eles eram uma família feliz e harmônica, quando, na verdade, não o eram.

Nesse sentido, de acordo com Santos (2020, p. 249) “A violência não é uma questão específica de uma determinada esfera, apresenta a multiplicidade de fenômenos complexos, que incluem fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais interagindo entre si.” Nessa perspectiva, a violência contra a mulher não envolve apenas fatores isolados, ela tem variados aspectos e, por essa razão, é difícil para a vítima se libertar dessa situação controversa.

As questões sociais, econômicas e culturais influenciam na decisão da mulher de conseguir se desvincular de seu parceiro, haja vista que esses quesitos em questão fazem com que cada vez mais o gênero feminino experimente momentos traumáticos e intervenha de forma negativa para que ela continue nesse cenário. Jenny Bloom é um exemplo, por vários fatores (como medo, afetividade, componentes financeiros e sociais) ela não deixou o seu marido que a agredia e passou anos da sua vida com alguém que a insultava e machucava física e psicologicamente.

Desta maneira, Jenny Bloom esteve inserida em um ciclo de violência no qual o seu agressor manipulava a si própria e a filha, conforme explica Lily para Ryle:

— Meu pai era violento. Não comigo... com minha mãe. Ficava tão alterado quando brigavam que, às vezes, até batia nela. Quando isso acontecia, ele passava uma ou duas semanas tentando recompensá-la pelo que acontecera; comprava flores ou nos levava para jantar fora. Às vezes, ele comprava alguma coisa para mim porque sabia como eu odiava essas brigas. Quando eu era criança, ansiava por elas, porque sabia que, se ele batesse em minha mãe, as duas semanas seguintes seriam ótimas. — Paro. Acho que nunca admiti isso nem para mim mesma. — Claro que, se fosse possível, eu nunca permitiria que a machucasse. Mas a violência era inevitável no casamento dos dois e se tornou nosso padrão. Quando fiquei mais velha, percebi que não fazer nada também me tornava culpada. Passei boa parte da vida odiando por ser uma pessoa tão ruim, mas não sei se sou melhor. Talvez nós dois sejamos pessoas ruins. (HOOVER, 2018, p. 16).

Andrew Bloom, esposo de Jenny, usava a persuasão e a manipulação com sua filha e esposa. Ele tentava fazer com que elas o perdoassem por seu comportamento por meio de presentes para recompensá-las por suas atitudes. Com o perdão, ele percebia que se cometesse novamente a violência doméstica, fosse ela física e/ou psicológica, ele apenas precisaria se tornar pelos próximos dias um homem mudado, arrependido e amoroso. Por isso, Jenny Bloom e Lily vivenciavam um ciclo violento sem fim, pois elas acreditavam nele e na sua transformação. Porém, ao longo do tempo, o agressor revelava sua verdadeira índole novamente.

A violência contra a mulher na família da personagem principal se transformou em um padrão e algo habitual para eles, a naturalidade dessa realidade para Lily se tornou algo comum ao ponto de ela almejar que o pai batesse na mãe, pois, em seguida, ele se tornaria afetivo com elas. Com o passar do tempo, Lily começou a se sentir culpada por essa razão, a manipulação do pai a fez se sentir cúmplice dele por ela não fazer nada em relação a isso quando jovem, assim, exibindo que o relacionamento tóxico dos pais também se abrangia a ela.

Na produção literária de Colleen Hoover, a partir da narração da protagonista, a escritora retrata e representa a violência contra a mulher em seu livro de forma descritiva usando os personagens. Nesse sentido, Lily comenta algumas vezes as experiências que presenciou com os pais:

Querida Ellen,
Se eu tivesse acesso a uma arma ou a uma faca agora, eu mataria meu pai.
Assim que entrei na sala, eu o vi empurrando minha mãe no chão. Eles

estavam na cozinha, e ela agarrou o braço dele, para tentar acalmá-lo, mas ele a esbofeteou com as costas da mão e a derrubou no chão. Tenho certeza de que ele ia chutá-la, mas me viu entrar na sala e parou. Murmurou algo para ela, foi para o quarto e bateu a porta (HOOVER, 2018, p. 41).

Posto a isso, a autora traz os sentimentos da figura central da obra e a ilustração de como pode acontecer na violência física e doméstica. Hoover exemplifica a realidade de várias mulheres ao redor do mundo que sofrem com agressões físicas pelos companheiros. Tal exercício de desconstrução do discurso imposto às mulheres de que elas precisam aceitar todas as formas de agressões de seus companheiros é essencial, pois a violência doméstica é silenciosa e acontece em lares que na maioria das vezes as pessoas não imaginam, não veem e não podem presumir. Além disso, percebe-se a raiva que a Lily Bloom adolescente sentia das brigas dos pais, em função disso ocasionava traumas psicológicos e emocionais a ela por viver nesse ambiente.

A brutalidade e hostilidade do agressor podem se realizar por qualquer motivo, dado a isso, a vítima vive uma vida com medo e sempre em vigilância de seu próprio comportamento – Jenny Bloom era assim. Na narrativa de Lily, a mãe por colocar o carro na vaga de seu pai já ficou sobressaltada e abalada quando percebeu ele impaciente buzinando para que ela tirasse o seu veículo. Conforme menciona “Enfim, minha mãe ficou com aquele olhar bem assustado quando ele começou a buzinar, e me disse para colocar tudo na mesa enquanto ela tirava o carro.” (HOOVER, 2018, p. 64).

Em seguida, Lily já presencia uma nova violência física contra a sua mãe, à medida que observa ao chegar à garagem (HOOVER, 2018, p. 64):

Abri o portão da garagem e não vi minha mãe. Só vi meu pai atrás do carro fazendo alguma coisa. Dei um passo para perto e percebi porque não estava conseguindo ver minha mãe. Ele a tinha empurrado sobre o capô e estava com as mãos em seu pescoço. Ele a estava estrangulando, Ellen!

Só de pensar, dá vontade de chorar. Ele estava gritando com ela, encarando-a com muito ódio. Dizendo que ela não respeitava seu trabalho árduo. Não sei por que estava zangado, afinal eu só conseguia ouvir o silêncio de mamãe enquanto se esforçava para respirar. Os próximos minutos são um borrão, mas sei que comecei a gritar com ele. Pulei nas costas de meu pai e comecei a bater em sua têmpora.

Pela descrição do quadro, é possível perceber que dessa vez a vítima não

possuiu a chance de tentar se defender, apenas foi jogada contra o carro de maneira hostil e começou a ser estrangulada e a receber gritos. Nessa conjuntura, Gomes (2013, p.5) comenta: “Vale lembrar que, a partir do contexto de luta feminista, a ficção tenta ir além da questão moral da violência doméstica e passa a questionar o fato de essa violência estar relacionada à defesa da honra masculina.”

Como expõe a protagonista da obra, o seu pai anunciava que Jenny Bloom não respeitava o seu trabalho por ela estar em sua vaga. Essa cena mostra os valores patriarcais e o machismo, ele estava tentando “defender a sua honra”, visto que ela não considerava o seu esforço e a sua ocupação fora de casa. Esse cenário mostra a narrativa da produção literária ressaltando que a violência é algo complexo e vai além de meras situações específicas de brigas.

Na sequência, Lily se machuca e precisa ser levada ao hospital, depois de seu pai provavelmente tê-la jogado para longe e ela ter batido a cabeça. No caminho ao hospital, o único comentário realizado no percurso entre a Jenny e Lily é:

Minha mãe me deu um pano e me disse para colocar na cabeça, porque estava sangrando. Ela me ajudou a entrar no carro e me levou para o hospital. No caminho, só me disse uma coisa: — Quando perguntarem o que aconteceu, diga que escorregou no gelo. Quando ela disse isso, eu só olhei pela janela e comecei a chorar. Porque tinha certeza de que havia sido a gota d’água, que ela o deixaria depois de ele ter me machucado. Foi naquele momento que percebi que ela nunca o largaria. Eu me senti muito derrotada, mas fiquei com medo demais para dizer algo a ela (HOOVER, 2018, p. 65).

Nessa conjuntura, nota-se que a mãe pede para que Lily não comunique a ninguém no hospital o que de fato aconteceu, que ela esconda o ocorrido. Apesar de Lily achar que finalmente a mãe vai deixar o pai pelo o que fez com ela, se perpetua o silêncio e isso implica em um ciclo interminável que não leva à denúncia contra o agressor. Esse contexto dificulta a ajuda e se torna um obstáculo para as autoridades públicas, uma vez que a vítima e sua família se inserem em uma ocultação aos atos do agressor. À vista disso, Almeida (2014, p. 107) explica “Instala-se a chamada conspiração do silêncio, o grupo familiar tem dificuldade em

romper o silêncio para exteriorizar a violência sofrida pela mulher.”

Andrew Bloom evitava espectadores, como sua filha, quando cometia os crimes contra a sua esposa. Ele tentava exibir sua agressividade apenas quando Lily ou outras pessoas não estavam presentes para observar, o que demonstra a sua sagacidade em não deixar evidenciar o que acontecia. Ele, por ser prefeito da cidade, tinha uma reputação e imagem a zelar, desse modo, a partir do momento que não permitia marcas e lesões visíveis, a sociedade não poderia interferir em suas ações. Dessa forma, observemos a fala da protagonista:

Dessa vez, vai ser difícil para minha mãe disfarçar. Meu pai normalmente não a acerta onde pode deixar marcas visíveis. A última coisa que deve querer é que as pessoas da cidade descubram que bate na mulher. Já o vi chutá-la algumas vezes, estrangulá-la, golpear suas costas, sua barriga, puxar seu cabelo. Sempre que ele bateu no rosto de minha mãe, foi sempre um tapa, acredito que para minimizar as marcas (HOOVER, 2018, p. 87).

Posteriormente, Lily Bloom testemunha uma das piores cenas em relação aos pais, quando Andrew Bloom tenta abusar sexualmente de Jenny Bloom por ele sentir ciúmes dela, após chegarem de um evento. Quando ela ouviu os barulhos, Atlas Corrigan (o namorado de Lily, que era morador de rua e ela estava o ajudando) tenta impedir que ela desça para a sala. Mas Lily insiste e, quando chega na sala, fica em choque ao ver o que estava acontecendo. Assim, ela descreve (HOOVER, 2018, p. 88):

Eu simplesmente... Ele estava em cima de minha mãe. Os dois estavam no sofá, e ele estava com a mão em volta de seu pescoço, enquanto a outra mão puxava seu vestido para cima. Ela se debatia para se livrar, e eu fiquei paralisada. Minha mãe continuou implorando para que ele saísse de cima dela, e então ele bateu em seu rosto e a mandou calar a boca. Nunca vou esquecer suas palavras: — Quer atenção? Eu te dou um pouco de atenção, porra. Então, ela ficou muito quieta e parou de se debater. Escutei seu choro, quando disse: — Por favor, faça silêncio. Lily está aqui. Ela disse: “Por favor, faça silêncio”. “Por favor, faça silêncio enquanto me estupra, querido”.

Colleen Hoover apresenta em sua obra um tema muito forte e sensível, por esse motivo o livro possui idade mínima para leitura, uma das razões é que ele pode gerar gatilhos traumáticos a alguns leitores por tratar do abuso sexual. Nesse

contexto, no Brasil é definido, segundo o artigo 7º da Lei nº 11.340/2006, o que é a violência sexual:

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2006).

No Brasil, é determinado como violência sexual qualquer ato que conduza à realização de uma relação sexual sem o desejo da vítima. Cada país possui suas leis e legislações, mas, de modo geral, essa é uma definição base da maioria dos países. A violência sexual não acontece somente nas ruas, mas pode ocorrer pelos maridos em casa, uma vez que o machismo está impregnado por uma formação ideológica de que o homem deve exercer o controle sobre a mulher. Em razão disso, a objetificação do gênero feminino e a ideia de que ela deve cumprir com suas “obrigações sexuais” é um conceito internalizado na sociedade patriarcal.

Dessa maneira, Jenny Bloom é coagida pelo seu marido que tenta cometer o crime. Apesar da tentativa da defesa, ela não consegue e, com as agressões físicas, desiste e para de se debater. Seu único pedido é que faça isso de forma silenciosa, enquanto a abusa sexualmente, pois não quer que ouçam o que está acontecendo. Essa cena ilustra de forma intensa a realidade de muitas mulheres que são violentadas pelos seus maridos ou companheiros. Esta cena retrata a cultura patriarcal que transmite a ideia de o sexo feminino ser apenas um ser domesticável e que o sexo oposto precisa demonstrar o seu poder.

O impacto psicológico para Lily e Jenny é inimaginável. O medo e a culpa foram instalados, por isso o trauma se perpetuará ao longo da vida para ambas. Lily desenvolveu raiva pelos pais: o seu pai por ser um agressor e a mãe por nunca possuir coragem para enfrentar a situação e sair dela.

4. Conclusão

Ao término deste trabalho, conclui-se que a violência doméstica é um mal que

deve ser erradicado definitivamente da sociedade, pois, todos os dias, diversas mulheres sofrem diferentes formas de abusos - sejam eles físicos, psicológicos ou sexuais - ao redor do mundo. Tal realidade é herança de formações discursivas e ideológicas cujos elementos basilares incluem o machismo, o patriarcado e o androcentrismo.

Muitos homens, sob essa ótica, sentem-se proprietários dos corpos femininos e, por isso, reforçam a crença de que podem e devem fazer o que bem entendem com as mulheres, sejam elas suas companheiras ou não. Assim, o lar, que deveria ser um local em que a segurança e o bem-estar da mulher deveriam ser salvaguardados torna-se um ambiente opressor, no qual ela é diariamente vítima da pessoa com quem decidiu compartilhar a vida.

Desse modo, observamos que o pensamento de Antonio Candido (2011) mais contemporâneo do que nunca, reforça o papel humanizador da literatura e a sua intrínseca relação com o meio social. Assim, para além de um objeto estético que utiliza a língua como forma de expressão, a literatura também é uma ferramenta indispensável quando se trata de lutas contra injustiças sociais.

Por fim, no tocante ao contexto educacional, é imprescindível o desenvolvimento de pesquisas que contribuam também com a prática docente. Sendo assim, essa pesquisa também se constitui como uma possibilidade de utilização do texto literário em sala de aula, uma vez que traz uma leitura sobre a obra *É assim que acaba* ao refletir sobre a violência doméstica, ao passo que também a denúncia. Logo, contribui para o ensino crítico do texto literário na Educação Básica na sala de aula, em que os professores podem recorrer às considerações aqui desenvolvidas para servirem como base para as discussões a serem realizadas.

Referências

ALENCAR, Felipe. O que é um Kindle? **Hardware**, [S. l.], 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.hardware.com.br/artigos/o-que-e-um-kindle/>. Acesso em: 24 out. 2024.

ALMEIDA, Angélica de Maria Mello de. Aspectos Penais e Processuais - Lei Maria da Penha. **Cadernos Jurídicos**, São Paulo, ed. 38, p. 105-111, 2014.

ARRUDA, Gabriela Bastos Caetano de. A Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) como instrumento de enfrentamento à violência contra a mulher. **As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 178-195, 2020.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. **Caminhos para a formação do leitor.**, [s. l.], 2004.

BALESTERO, Gabriela Soares; GOMES, Renata Nascimento. VIOLÊNCIA DE GÊNERO: uma análise crítica da dominação masculina. **Revista CEJ**, Brasília, n. 66, p. 44-49, 2015.

BARBOSA, Aline Gomes da Silva; MAGALHÃES, Jackeline Santos Tigre; ORDÓÑEZ, Maria José. O ensino da literatura e sua contribuição para a formação do leitor no ensino médio. **RECIMA21**, São Paulo, v. 3, ed. 6, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Das formas de violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 7 ago. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 10 nov. 2024.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Recomendação geral n. 35 sobre violência de gênero contra as mulheres do comitê para eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (CEDAW)**. Brasília: CNJ, [2019].

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: __. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARNEIRO, Raquel. Como Colleen Hoover se tornou a autora que mais vende livros no Brasil. **Veja**, [S. l.], 14 ago. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/como-colleen-hoover-se-tornou-a-autora-que-mais-vende-livros-no-brasil>. Acesso em: 3 jul. 2024.

CATALANO, Shannan et al. **Female victims of violence**. Departamento de Justiça dos EUA, [s. l.], 2009.

COMO FRANCESA drogada pelo marido para ser estuprada por dezenas de homens se tornou símbolo de luta. **BBC News Brasil**, [S. l.], 19 set. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crl83jlz81go>. Acesso em: 23 out. 2024.

COSTA, Francisco das Chagas Souza. A literatura e a formação do leitor: algumas considerações. **Revista Letras Raras**, Campinas Grandes, v. 7, n. 2, p. 254-271, 2018.

DELLATTO, Marisa. Colleen Hoover domina lista dos livros mais vendidos de 2022: Autora que é uma sensação no TikTok com seus livros de drama juvenil vendeu mais que a Bíblia nos EUA. **Forbes**, [S. l.], 26 dez. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2022/12/colleen-hoover-domina-lista-dos-livros-mais-vendidos-de-2022/>. Acesso em: 6 jul. 2024.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. v. 6.

ESCRITORA Colleen Hoover lidera lista de livros mais vendidos no Brasil em 2022. **Gazeta digital**, [S. l.], 29 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/variedades/variedades/escritora-colleen-hoover-lidera-lista-de-livros-mais-vendidos-no-brasil-em-2022/718458>. Acesso em: 5 jul. 2024.

GARCIA, Leila Posenato. A magnitude invisível da violência contra a mulher. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 25, n. 3, p. 451–454, jul. 2016.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. **Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 13, julho 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOOVER, Coleen. **É assim que acaba**. Tradução: Priscila Catão. 1. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1n1lXmEjzOXqw3hDdd2hQZkTWffDKKcNl>. Acesso em: 31 jul. 2024.

LIMA, Karen Fernanda Pinto de; LOPES, Margarete Edul Prado De Souza. A importância da literatura na escola: uma proposta na formação do cidadão. **Anthesis**, Cruzeiro do Sul, v. 3, ed. 6, p. 124-133, 2015.

MAIA, Laura Rodrigues; CASCAES, Neide. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, [s. l.], 2017. MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. [S. l.]: Boitempo Editorial, 2014.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Flores da Escrivania: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 190 p.

MOURA, Claudia Helena Gonçalves; SIMÕES, Maria Emanuely de A. Sartori (org.). **Violência contra a mulher: informação e prevenção**. Alfenas: [s. n.], 2021.

NJAINE, Kathie *et al.* **Violência e perspectiva relacional de gênero**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 45 p.

ORAZEM, Eloá. EUA: um dos países mais violentos para mulheres visitarem no mundo: Uma em cada quatro mulheres dos EUA sofre de violência doméstica em algum momento de sua vida. **Brasil de Fato**, Los Angeles (EUA), 9 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/09/eua-um-dos-paises-mais-violentos-para-mulheres-visitarem-no-mundo>. Acesso em: 27 ago. 2024.

RECOMENDAÇÃO geral n. 35 sobre violência de gênero contra as mulheres do comitê para eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (cedaw). Tradução: Neri Accioly. Brasília: **Conselho Nacional de Justiça**, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, [s. l.], p. 115-136, 2001.

SANTOS, Francielle Feitosa Dias S. Violência doméstica contra mulher: revisão de literatura. **Revista Ambivalências**, [s. l.], v. 8, ed. 15, p. 242-261, 2020.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, [s. l.], v. 7, ed. 1, p. 101 – 122, 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009. 96 p.
Citação no texto:

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, Curitiba, v. 18, ed. 36, p. 15-23, 2010.